


LYSSA  
KAY  
ADAMS

The background features a large illustration. On the left, a hand in a red and black plaid shirt holds a book with a blue cover and a red bow. The book cover shows a man and a woman in winter clothing. On the right, a woman with long brown hair, wearing a white sweater and grey pants, is decorating a green Christmas tree with gold and red ornaments. The tree is surrounded by various decorations like a snowman, a red gift box, and scattered ornaments on a blue floor.

TRÊS  
CHANCES  
PARA O  
*amor*



CLUBE DO LIVRO DOS HOMENS

*Para Meika*

*Obrigada por me fazer desistir de tatuar um prato de purê de batata*

## A HISTÓRIA DE FUNDO

### *Dezembro anterior*

Era *assim* que Colton Wheeler gostava de acordar.

Nu, aquecido e colado ao corpo de uma mulher que o fizera perder a cabeça.

Seu smoking de padrinho se tornara um amontoado preto e branco no chão da suíte do hotel, embolado no vestido de seda verde arrancado em meio a uma enxurrada de beijos frenéticos, suspiros e súplicas desesperadas e impacientes.

Sempre ouvira falar de pessoas que conhecem a cara-metade em um casamento, mas esse era o tipo de coisa que acontecia com os outros. Afinal, ele era Colton Wheeler, astro premiado da música country. Mas, na noite anterior, depois do casamento de Braden Mack, um de seus melhores amigos, com o amor da vida dele, acabara caindo no feitiço da mulher mais improvável.

A ex do noivo. Não fazia sentido. Os dois juntos não faziam o menor sentido. Mas ela o beijou, e, mesmo que já tivesse sido beijado por muitas mulheres, quase sempre de surpresa, daquela vez tinha sido diferente.

Não restava dúvida.

Colton Wheeler estava fascinado por Gretchen Winthrop, senhoras e senhores.

Seria complicado, claro. Ela e Mack meio que namoraram uma época... Ficaram juntos por três meses antes de Mack conhecer a atual esposa. E sempre havia risco em namorar alguém do mesmo círculo social. Mas lá estava ele, velando o sono dela e escrevendo músicas na cabeça, a mente fervilhando com a promessa de que *Isso pode dar em alguma coisa*.

Em algum momento nas altas horas da madrugada, depois de terem caído em um sono exausto, o lençol escorregou do corpo de Gretchen, deixando-a nua diante de seus olhos. Colton encostou os lábios em seu ombro. Quando ela respirou fundo, a mão dele preencheu a curva suave de seu abdômen. Ainda não conseguia acreditar no que havia escondido debaixo daquele vestidinho básico que ela usara na noite anterior.

Gretchen inspirou fundo mais uma vez e espreguiçou, esticando as pernas contra as dele. Estava acordando. Colton deslizou o joelho entre os dela. Gretchen abriu espaço, acariciando sua canela com os dedos do pé direito.

Colton roçou a ponta do nariz em seu queixo.

– Bom dia.

Gretchen soltou um leve suspiro e se aninhou em seu peito. Então congelou. Arregalou os olhos.

– Que horas são?

– Hora perfeita para te acordar como se deve.

Colton se inclinou para beijá-la, mas encontrou apenas o vazio: Gretchen escapara feito um coelho fugindo de um predador.

Ele soltou uma risadinha e deu de ombros.

– Vai virar abóbora?

– Não acredito que peguei no sono e passei a noite aqui. Não era a minha intenção.

– Bem, eu com certeza não tenho do que reclamar. – Colton se sentou e estendeu a mão. – Na verdade, adoraria que você voltasse para a cama por mais algumas horas.

– Não posso, tenho que ir.

Ele se recostou na cabeceira, cruzando os braços atrás da cabeça, satisfeito em apenas contemplar o corpo nu da mulher que andava pelo quarto. Até perceber o que ela estava fazendo: procurando as roupas.

– Você vai mesmo embora?

Gretchen vasculhou o quarto todo até encontrar o vestido. Colton jogou as cobertas para o lado e se levantou.

– O que houve? – perguntou, estendendo a mão para ela novamente.

– Por que tanta pressa? Temos muito tempo até o almoço, e...

Gretchen deu um salto, como se ele tivesse sugerido que saíssem do quarto pelados.

– Eu... eu não fui convidada. O almoço é só para os padrinhos.

– E eu sou um dos padrinhos, então posso levar quem eu quiser. – Colton enfim conseguiu encostar nela de novo. As mãos roçaram de leve seus quadris por cima da seda verde. – E eu quero levar você.

– Não, eu não posso. Tenho muito trabalho para pôr em dia.

Bom, que alívio. Por um momento, Colton pensou que ela estivesse fugindo por não ter gostado dele.

– Então deixa eu te levar pra...

Gretchen ainda olhava de um lado para outro, à procura de Deus sabe o quê.

– Não precisa me dar carona, eu vim de carro.

Colton deu uma risadinha.

– Não, levar para um lugar longe daqui. Vamos passar uma semana fora, só conversando, se conhecendo e...

Ela riu baixinho, mas não dava para saber se era um riso de alegria ou sarcasmo.

– Claro. Para onde?

– Belize.

Gretchen finalmente olhou para ele.

– Belize?

– Já foi pra lá?

Ela riu de novo. Desta vez *dele*, sem sombra de dúvida.

– Não.

– Bem, pode acreditar: você vai adorar. – Colton observava-a procurando o sutiã. Lembrou-se do exato momento em que o tirou e o arremessou do outro lado do quarto. – Estou falando sério, Gretchen. Vamos dar uma escapadinha. Eu peço para o meu piloto preparar o avião, e podemos só ir...



O queixo dela caiu.

– Você está falando sério, né?

– Claro que sim.

– Não posso ir para Belize com você. – Gretchen achou a bolsa e enfiou o sutiã e a calcinha lá dentro.

Colton ficou bem na sua frente e a segurou pelos ombros.

– Espera aí. O que está acontecendo?

– Vou embora, estou cheia de coisas pra fazer hoje.

– Quando posso te ver de novo?

Ela piscou, hesitante.

Bem, aquilo era novidade.

– Eu posso te ver de novo, né?

Gretchen mordeu o lábio.

– Não sei se é uma boa ideia.

Ela desviou dele e voltou a vasculhar o chão. Soltou um *ah* ao avistar os sapatos. Então, curvou-se e enganchou os dedos nos *slingbacks* pretos sensuais que quase o fizeram ter um ataque cardíaco na noite anterior.

– Espera. Espera um pouco. Podemos começar de novo, por favor? Sinto que fiz alguma besteira, mas não tenho ideia do que seja.

– Você não fez besteira nenhuma. Sou eu. Não devia ter feito o que fiz. Sinto muito.

– Não devia ter feito o quê?

– Ter começado isso tudo. Não devia ter te beijado.

– Eu participei de boa vontade. Aliás, muito boa vontade. – Ele botou as mãos nos quadris e teve a dolorosa lembrança de que estava nu.

Gretchen parou a busca frenética e segurou suas coisas junto ao peito.

– Olha, sei que todo mundo ficou com pena de mim ontem à noite. Eu nunca tive nada sério com Mack, e na real fui ao casamento pela Liv, porque ficamos amigas, mas mesmo assim senti que todo mundo me olhava como se eu estivesse muito fragilizada, e sei que você só me chamou para dançar por causa disso...

Foi a vez de Colton rir.

– Você acha que te chamei para dançar por... pena?

– Talvez. – Ela deu de ombros.

– Eu te chamei para dançar porque você teve a mesma reação que eu quando a mãe da Liv quase caiu da cadeira.

Os lábios dela enfim se abriram em um sorriso.

Graças a Deus. Colton aproveitou que ela parou quieta para se aproximar devagarinho, baixando a voz à medida que chegava mais perto:

– E aí continuei te chamando para dançar e não saí mais do seu lado porque talvez você seja a mulher mais incrível que já conheci.

As bochechas de Gretchen coraram, e ele teve o mais delicioso flashback de quando viu o mesmo tom de rosa no rosto dela ao arquear as costas e sussurrar o nome dele.

Só que aquela expressão era bem diferente. Gretchen balançou a cabeça e colocou a mão quente no peito dele, logo acima de onde seu coração se preparava para um jogo de roleta-russa.

– Você não precisa fazer isso.

Mais que depressa, Colton cobriu a mão dela com a sua.

– Fazer o quê?

– Massagear meu ego. Já sou grandinha. Sei o que foi a noite passada.

– Incrível e o começo de algo que pode ser maravilhoso? Concordo.

Ela corou ainda mais.

– Olha, eu também me diverti. Mas nós dois nunca daríamos certo.

– Demos bem certo ontem à noite.

Gretchen começou a se afastar.

– Mas hoje é outra história. Você é você, eu sou eu, e...

– E seríamos um “nós” bom demais.

Ela deu um leve sorriso.

– Parece até letra de alguma música sua.

– Gretchen... – insistiu ele, tentando tocá-la.

A mulher encarou a mão dele com desejo inconfundível. Mas logo caiu em si e caminhou para a porta.

– Obrigada – disse, olhando por cima do ombro. – Por tudo.

Colton cruzou os braços.

– Você pode dizer qualquer coisa, menos isso. Não me agradeça.

Ela parou uma vez mais antes de girar a maçaneta.

– Posso contar com você para manter isso entre nós?

– Pode acreditar, minha boca é um túmulo.

Então, sem nem olhar para trás, ela foi embora.

Pela primeira vez na vida, Colton Wheeler era o segredinho obscuro de alguém.



## UM

### *Um ano depois*

Colton Wheeler levava uma vida sem muitas regras, mas obedecia à risca as poucas que seguia, e uma delas era: quando alguém pede para guardar um segredo, guarde a sete chaves. Por isso, a sensação de traição foi um tremendo soco no estômago quando percebeu que *aqueles* caras, logo eles, não cumpriram com a palavra. Seus supostos melhores amigos!

Ajustou a alça da bolsa no ombro com um puxão irritado.

– Vocês juraram que não contariam pra ninguém.

– Qual é, cara? – retrucou Gavin Scott, com o tapete de ioga enfiado debaixo do braço. Ele vestia uma camiseta de treino, deixando à mostra a linha no bíceps que separava o ombro branquelo do eterno bronzeado do campo. – Não é como se a gente tivesse contado para completos estranhos.

– Não importa quem seja. Eu prometi para ela que não abriria o bico.

– Não queríamos criar problemas – interveio Del Hicks. – É sério.

– Achamos que você nem viria – acrescentou Gavin.

– Por que eu não viria?

– Por causa da reunião. Não é hoje?

Ah, claro. A Reunião. Gerara tanto burburinho que agora era precedida pelo *A* seguido de um *R* maiúsculo. A Reunião na qual ele desco-

briria se ainda tinha uma carreira. Mas os amigos não faziam ideia, só sabiam que ele teria uma reunião com a gravadora para discutir o próximo álbum depois de um hiato de dois anos sem gravar.

Agora era *ele* quem se sentia culpado, uma emoção que conhecera muito bem no ano anterior. Como podia esperar que aqueles caras respeitassem sua amizade enquanto os traía todo santo dia escondendo segredos deles?

Para uma estrela internacional da música, era difícil ter amizades verdadeiras. Ao longo dos anos, quanto mais famoso ficava, mais solitária a vida se tornava. Era difícil distinguir quem realmente queria estar por perto e quem só queria se gabar de estar associado a um superastro.

Mas aqueles caras eram de confiança. Os melhores amigos que já tivera... E haviam se conhecido da forma mais inusitada: por meio de livros românticos. Eles se autodenominavam “O Clube do Livro dos Homens” e liam romances para aprender a ver o mundo por uma perspectiva menos tóxica que a ensinada a todo homem heterossexual cisgênero. Braden Mack foi quem começou tudo e recrutou Colton, que estava tão cético quanto a maioria deles quando entraram para o clube. Mas Colton logo percebeu que aquilo ia muito além dos livros. Tinha a ver com camaradagem e fraternidade. Os livros ensinaram todos eles a serem homens melhores, parceiros melhores e amigos melhores uns para os outros.

– Tudo bem. – Colton soltou um suspiro. – Vou falar com...

– Sr. Wheeler, o que significa isso?

... *ela*.

Merda. Colton se virou, tenso, e deu de cara com uma das pessoas mais intimidantes que já conhecera: Peggy Porth. Diretora aposentada de escola fundamental. Estraga-prazeres de carteirinha. Agora era instrutora no Silver Sneakers, um programa de aeróbica para idosos.

– Oi, Sra. Porth.

A voz de Colton saiu tão esganiçada como quando fora pego no quinto ano vendendo cartas de Pokémon pelo dobro do valor no intervalo das aulas. Em sua defesa, estava juntando dinheiro para comprar os presentes de Natal dos irmãos.

A Sra. Porth tinha apenas 1,60 metro e, ainda assim, conseguia olhá-lo de cima e fazê-lo se sentir minúsculo.

– Sr. Wheeler, será que preciso lembrar que concordei que o senhor e seus amigos frequentassem as aulas, mas só se fosse um grupo pequeno? Essa aula era para ser exclusiva para pessoas acima dos 50, mas o senhor me levou na conversinha. E agora vejo mais três parados na porta, esperando para entrar.

Os três em questão formavam uma rodinha tensa a poucos passos dali, lançando olhares furtivos, como se quisessem avaliar se estavam prestes a ser escorraçados por um segurança. Colton os conhecia, claro, mas não muito bem, e só porque jogavam com Gavin e Del no time profissional de beisebol do Nashville Legends, como Yan Feliciano. Vlad Konnikov era jogador da Liga Nacional de Hóquei, e Malcolm James, da Liga de Futebol Americano. Seu círculo de amigos incluía vários atletas, e foi por isso que Colton lhes contou seu segredo, para começo de conversa. As aulas do Silver Sneakers eram o condicionamento físico mais eficaz que já tinha feito. Nunca estivera tão forte, flexível e em forma, e tudo começara por acaso. Colton achava que estava indo para a aula de abdominal, mas errou a sala, e, quando deu por si, suava por todos os poros tentando acompanhar as sessentonas que faziam a ginástica aeróbica parecer uma caminhada no parque. Passara dias dolorido, mas continuou vindo porque, nossa... e porque ninguém naquela sala dava a mínima para quem ele era.

Não curtia muito ser bajulado só por ser Colton Wheeler.

Tinha sido uma das coisas que chamaram sua atenção em... Porra. Seu contador mental de *dias sem pensar em Gretchen Winthrop* acabara de zerar.

– A culpa é nossa, Sra. Porth – disse Gavin, a gagueira despontando com o medo daquela mulher. – Só convidamos nossos companheiros de time porque eles estão morrendo de inveja da nossa flexibilidade.

Para provar, ele soltou o tapete de ioga e lançou o corpo em um agachamento fundo que teria despachado Colton direto para o pronto-socorro.

– Viu? – grunhiu Gavin, a tensão do esforço evidente na voz. – Eu quase podia jogar na primeira base, se quisesse.

A Sra. Porth apertou os lábios.

– Se endireite, Sr. Scott. Está fazendo papel de bobo.

Del agarrou o cotovelo de Gavin e o ajudou a se levantar. A Sra. Porth soltou um suspiro e voltou a encarar os homens que esperavam à porta, apreensivos.

– Certo. Eles podem entrar. Mas que fique bem claro: se causarem algum incômodo...

– Não, não – interveio Gavin, mais que depressa. – Quer dizer, não vamos causar incômodo nenhum. Obrigado, Sra. Porth.

Ele correu até a porta e deu a boa notícia aos rapazes.

Logo voltou conduzindo os companheiros de time, todos vestindo variantes do uniforme padrão de um atleta profissional: shorts de basquete, camiseta esportiva e uma bandagem elástica em cada parte do corpo que estivesse doendo. Assim que ajeitaram os tapetes de ioga e as bolsas, os três foram até Colton.

Um deles estendeu a mão.

– E aí, cara. Valeu por nos deixar participar. Jake Tamborn. Nos conhecemos na festa de aniversário do Gavin, ano passado.

– Eu lembro – disse Colton, aceitando o aperto de mão por educação.

Não estava muito contente com a presença deles ali, mas repetiu o gesto com os outros: Brad Eisenberg e Felix Pinas. Deviam ter uns 25 anos e mantinham a postura confiante de quem não fazia a menor ideia do que estava prestes a acontecer.

– Você avisou pra eles? – sussurrou Colton para Del quando os três se afastaram.

– Que estão prestes a levar uma surra? Avisei.

– Eles acreditaram?

– Não.

Colton sorriu pela primeira vez desde que chegara à academia.

– Isso vai ser engraçado.

A porta da sala de ginástica se abriu e Vlad entrou correndo, alvoroçado. Botou o tapete de ioga ao lado de Colton e enfiou um gorro de Papai Noel na cabeça.

– Como estou?

– Por incrível que pareça, bem. Por quê?

– Elena disse que tenho que me vestir de Papai Noel na festa de Natal para entregar os presentes para as crianças.

Dali a algumas semanas, Vlad e a esposa, Elena, dariam sua primeira festa de Natal. Vlad jamais teria tempo para algo assim durante a temporada de hóquei, mas ainda estava se recuperando da fratura na perna que sofrera nas eliminatórias da Copa Stanley do ano anterior. Então, quando os rapazes decidiram dar uma festa de fim de ano só da família do clube do livro, Vlad agarrou a chance de ser o anfitrião: poderia ser sua única oportunidade.

– Nunca fui Papai Noel – disse Vlad. – Não temos Papai Noel na Rússia.

– Não tem Papai Noel? – Gavin engasgou enquanto alongava os quadríceps e olhou para Vlad como se ele tivesse confessado que uivava para a lua na véspera do Natal.

Del deu um tapa na nuca de Gavin.

– Que saco, cara. Vê se sai dessa sua bolha americana uma vez na vida.

– Nós o chamamos de Vovô Gelo – explicou Vlad.

Gavin se sentou ereto, uniu a sola dos pés e começou a balançar as pernas em um alongamento borboleta.

– Ele é muito diferente do Papai Noel?

Vlad começou a se alongar enquanto explicava:

– Bem, ele também tem barba branca. Mas usa um manto comprido, não aquela roupa vermelha. E não tem renas, o trenó é puxado por três cavalos. E ele não está ligado só a presentes, também está relacionado a boas ações. Ele não gosta de pessoas más.

– Curti. Por que você não se veste de Vovô Gelo, então? – sugeriu Colton. – Não tem por que mudar suas tradições.

– Mas Elena disse que pode confundir as crianças e fazer com que duvidem da existência do Papai Noel.

Del deu de ombros.

– É só dizer que é amigo do Papai Noel e veio ajudar na distribuição dos presentes.

– Não sei – replicou Gavin. – Acho que prefiro ver o Vlad fantasiado de Papai Noel.

Uma expressão de pânico surgiu no rosto do russo.

– E se eu pisar na bola?

Colton deu um tapinha nas costas dele.

– Você vai se sair bem. Vamos ajudar você a se preparar. Só ensaie o “Ho, ho, ho!”.

A Sra. Porth bateu palmas para chamar atenção e foi para a frente da turma. Ao seu lado, estava uma mulher cerca de dez anos mais nova.

– Quem estiver começando hoje – anunciou, olhando direto para Jake, Felix e Brad – pode acompanhar a variação mais simples de todos os exercícios.

Como esperado, os três novatos soltaram uma risada desdenhosa. Afinal, atletas profissionais não teriam por que precisar de exercícios simples. Eles não faziam a menor ideia do que estava por vir.

Os rapazes formaram uma longa linha de um lado ao outro da sala. À sua frente, cerca de 35 outras alunas se posicionaram ao lado dos tapetes e garrafinhas de água. Mais tarde, todos usariam um step para fazer os exercícios da parte da aula que realmente separava as mulheres dos homens.

– Muito bem, pessoal. Vamos começar de leve, alongando e aquecendo – anunciou a Sra. Porth. Nos alto-falantes, começou a tocar uma música calma e relaxante, do tipo que se ouviria em um spa. – Vamos soltar os braços, subindo e descendo os ombros... Isso mesmo. Agora, girem os ombros para a frente e para trás... Ótimo. Agora, vamos fazer um círculo com os braços.

Colton abriu bem os braços e esbarrou na mão de Felix, que se afastou alguns centímetros com um *Foi mal* silencioso, depois de Colton fuzilá-lo com o olhar.

– Ok, pessoal – continuou a Sra. Porth. – Agora, algumas posturas de ioga fáceis para despertar as pernas e prepará-las para a ação.

Colton seguiu as orientações, fazendo a postura da deusa e várias outras. Pouco depois, ergueu os olhos do tapete e se deparou com uma visão perturbadora.

– Irmão, tira esse “burro olhando para baixo” da minha cara.

– Não é “cachorro olhando para baixo”? – sussurrou Brad, a cabeça apontada para baixo aparecendo entre as pernas.



– Não quando é você quem está fazendo.

Brad andou para o lado feito um caranguejo.

– Ok, pessoal, ótimo trabalho – disse a Sra. Porth. – Agora, peguem um step e coloquem logo à frente. Lembrem que cada um pode ajustar a altura para ficar mais confortável.

O step da Sra. Porth estava na altura máxima.

Um instante depois, Jake resmungou:

– Merda, vocês não me avisaram que seria tão difícil.

– E você esperava o quê? – Colton deu uma risada debochada. – Esta é a geração do *jazzercise*. Elas estão arrasando de collant desde os primórdios da MTV.

– Então, a que horas vai ser a reunião com a gravadora? – grunhiu Noah.

– Às três.

– Está preocupado?

Colton olhou para o amigo, então desviou os olhos depressa. Será que suspeitavam de alguma coisa?

– Não. Por que estaria?

Noah deu de ombros.

– Não sei. Quer dizer... É que, desde que te conheço, você nunca teve uma reunião assim.

– É só uma formalidade – respondeu ele, adotando a atitude de *não é nada de mais* em que se tornara mestre aos 10 anos.

Ninguém queria vê-lo apreensivo. Nem bravo. Nem de qualquer outro jeito que se distanciasse de um playboy despreocupado que vendera milhões de discos no mundo inteiro.

Porque Colton Wheeler tinha um trabalho, e apenas um: fazer as pessoas felizes.

Mesmo que isso acabasse com ele.

CONHEÇA OS LIVROS DE LYSSA KAY ADAMS

SÉRIE CLUBE DO LIVRO DOS HOMENS

Clube do Livro dos Homens

Missão Romance

Estupidamente apaixonados

Absolutamente romântico

Três chances para o amor

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,  
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos  
e poderá participar de promoções e sorteios.

[editoraarqueiro.com.br](http://editoraarqueiro.com.br)

